



Era uma vez a infância e seus modos de praticar a escola e a matemática

Vivian Nantes Muniz Franco¹

GDn° 11 – Filosofia da Educação Matemática

Este trabalho apresenta uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento que busca compreender como as crianças espacializam a escola na Educação Infantil e de que modo significam a matemática neste espaço. Para isso, pretende-se construir narrativas com crianças de 4 e 5 anos que frequentam a educação infantil, buscando analisar a relação entre a proposta institucional de formação e este espaço praticado pela criança, assim como, problematizar as narrativas no contexto da infância, olhando para as práticas escolares e matemáticas narradas. Esta pesquisa trará algumas reflexões acerca dos conceitos de infância, criança, escola e matemática, da mesma maneira que pretende tratar de aspectos metodológicos e cuidados éticos que permeiam uma pesquisa dessa natureza. Dessa forma, optou-se pela cartografia como uma opção metodológica aberta, que não exige procedimentos e regras pré-estabelecidas, mas que nos coloca em uma procura por pistas que possam compor um caminhar no decorrer da pesquisa, permitindo apropriações de outras metodologias. Esperamos que essas discussões contribuam para repensarmos o modo como nos relacionamos e tratamos a infância, olhando para suas experiências com a escola e a matemática.

Palavras-chave: educação infantil; infância; crianças; narrativa; cartografia.

Introdução

Este artigo apresenta uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento em que nos propomos pensar com a infância, buscando compreender como as crianças espacializam a escola na educação infantil e de que modo significam a matemática, por meio da construção de narrativas² com crianças de 4 e 5 anos, que frequentam a pré-escola. Dessa forma, esse projeto se atreve a ter um ponto de partida, a ter questões iniciais, ainda que em um começo imprevisível, que direcionam uma pesquisa com crianças.

Esta pesquisa se vincula aos estudos do Grupo “História da Educação Matemática em Pesquisa”³, que tem se movimentado a pensar novas possibilidades para a construção de

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e-mail: viviannmfranco@gmail.com, orientador: Dra. Luzia Aparecida de Souza.

² As narrativas, neste trabalho, serão fundamentadas nas discussões teóricas de BENJAMIN (1985) e BRUNER (2014).

³ Grupo HEMEP. Cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e certificado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).



XXI EBRAPEM

ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

De 2 a 4 de novembro de 2017 – Pelotas – RS

narrativas. Já há alguns anos, o grupo HEMEP, assim como o GHOEM⁴, tem discutido acerca da produção intencional de fontes e construído narrativas junto à metodologia História Oral⁵, acreditando que

Esta, vista como articulação coerente entre procedimentos de pesquisa e fundamentação teórica, transita, ainda que não se restrinja a isso, pela historiografia com o intuito de repensar, continuamente, o processo de criação de fontes por meio da gravação de entrevistas, da estruturação de narrativas. É este um cuidado que marca as pesquisas nesses grupos, ainda que não se tratem de pesquisas inscritas na História da Educação Matemática. (SOUZA, 2014, p. 262).

Ao olhar para narrativa, aqui entendida como uma construção do presente, e fundamentada em alguns princípios historiográficos (BLOCH, 2001; ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007), Souza ainda diz que “A narrativa envolve o contar histórias, sendo uma forma própria de discurso que organiza temporalmente e significativamente eventos” (p. 262). Quando nos direcionamos para interlocutores infantis, propomos um olhar para perspectivas que nos ajudem a pensar a narrativa com crianças, uma vez que, nos interrogamos quanto aos modos de produzi-las e analisá-las, principalmente, no que se refere ao enredo de situações de entrevistas, e suas respectivas transcrições e textualizações. Essas inquietações têm exigido novas reflexões teóricas e metodológicas, para a criação de narrativas infantis que possam nos aproximar de uma escola constituída como o espaço que elas estão e que praticam, e desse mesmo modo, pensar como se relacionam com a matemática.

Ao nos colocarmos em uma pesquisa com crianças, apesar de pensarmos alguns direcionamentos iniciais, buscamos na cartografia, uma opção metodológica aberta, que não exige procedimentos e regras pré-estabelecidas, mas que nos coloca em uma procura por pistas que possam compor um caminhar no decorrer da pesquisa. Na cartografia, “[...] não há moldes a seguir, não há metas dadas a princípio. Nós não aplicamos uma cartografia, nós a praticamos, muito embora possamos encontrar pistas para praticá-la. (SCHUCK e FLORES, 2015, p. 420).

⁴ Grupo de História Oral e Educação Matemática, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e certificado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

⁵ (MEIHY, 2002; SILVA e SOUZA, 2007; SOUZA, 2006)



XXI EBRAPEM

ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

De 2 a 4 de novembro de 2017 – Pelotas – RS

Sendo assim, olhamos inicialmente para pesquisas que vem mobilizando estudos com crianças e também a construção de narrativas na infância. Nesse sentido, o trabalho de Chisté (2015), se apresentou como um disparador para as nossas intenções, ao desenvolver uma pesquisa como experiência, na perspectiva e Larrosa, com a produção de imagens com crianças. Domingues (2016), Monteiro (2015) e Rocha (2012) trazem pesquisas que mobilizam a produção de narrativas com crianças em diferentes ambientes, como escolas e hospitais, se propondo a (re)pensar instituições da infância. Ambos os trabalhos, oferecem elementos para compreendermos com a infância seus modos de narrar.

A escolha da educação infantil e, conseqüentemente, da faixa etária que envolve crianças de 4 e 5 anos para construção de narrativas, se deu pela intenção de problematizar a narrativa com crianças nessa idade, considerando a estrutura da educação infantil em que as aulas ainda não se apresentam por disciplinas. Para Tuan (1983, p. 34) “a ideia de lugar da criança torna-se mais específica e geográfica à medida que ela cresce”, e, nesse sentido, como nos propomos a compreender a escola praticada pela infância, a educação infantil contada pelas crianças que nela estão, se mostra como uma história que irá se constituir de maneira menos cenográfica e mais encenada. Tuan (1983), reforça essa particularidade da criança ao dizer que,

Sua vitalidade para fazer as coisas e explorar o espaço não condiz com a pausa reflexiva e com a olhada para trás que fazem com que os lugares pareçam saturados de significância. A imaginação da criança é de um tipo especial. Está presa à atividade. Uma criança cavalga um pau como se estivesse sobre um cavalo de verdade, e defende uma cadeira virada como se fosse um verdadeiro castelo. [...] (p. 37).

Esse trabalho se mostra como um espaço de discussão, produção de fontes e compreensões acerca da pesquisa com crianças. Nos propomos fazer isso tratando a temática com sensibilidade, respeitando suas delineações e as direções que possa tomar, as quais sequer podemos imaginar e cuja intenção não é prever.

Objetivos

Objetivo Geral



XXI EBRAPEM

ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

De 2 a 4 de novembro de 2017 – Pelotas – RS

Essa pesquisa tem como objetivo compreender como as crianças espacializam a escola na educação infantil e de que modo significam a matemática na infância.

Objetivos Específicos

Pretendemos alcançar o objetivo da pesquisa aqui proposta por meio dos seguintes objetivos específicos:

- Analisar a relação entre o modo como as crianças praticam o espaço escolar e a proposta institucional de formação desse espaço.
- Analisar práticas matemáticas narradas por crianças na Educação Infantil.
- Problematizar as narrativas no contexto da infância.

Justificativa

Ao nos propormos pensar com a infância buscando compreender como as crianças de 4 e 5 anos espacializam a escola na educação infantil e de que modo se relacionam e significam a matemática nesta idade, acreditamos que suas narrativas possam contribuir significativamente para uma leitura diferenciada do espaço que se encontram, nesse caso, a creche e a pré-escola.

A escolha dessa temática, se deu, primeiramente, para explorar novos modos de mobilizar as narrativas, direcionando nossa atenção para a escola, a matemática e outros temas que interessem à criança contar. Esse movimento já é muito significativo no campo da Educação Matemática, pois, para Larrosa (1999) “As palavras simples são as mais difíceis de escutar. Logo acreditamos que as entendemos e imediatamente, sem ouvi-las, as abandonamos e passamos para outra coisa.” (p. 186).

Nessa pesquisa, nos distanciamos dos estudos que tem se pautado em dar voz às crianças, ou que entendam o sujeito da infância como aquele que não é, mas que está sendo preparado para ser alguém, um sujeito que não fala, incapaz. Galzerani (2005), retrata um cenário muito comum sobre a infância:



XXI EBRAPEM

ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

De 2 a 4 de novembro de 2017 - Pelotas - RS

A própria acepção terminológica latina de "infância", vem de *in-fans*, que significa sem linguagem. No interior da tradição metafísica ocidental, não ter linguagem significa não ter pensamento, não ter conhecimento, não ter racionalidade. Neste sentido, a criança é focalizada como alguém menor, alguém a ser adestrado, a ser moralizado, a ser educado. (p. 56 e 57).

Nesse contexto, Chisté (2005) reforça que a criança não está em um mundo diferente do mundo dos adultos, não habita um outro lugar, “mas coexiste no mundo com suas vivências, seus saberes, suas imagens, seus desejos” (p. 58).

E, nesse sentido, nosso trabalho se propõe pensar modos de pesquisas com crianças, assim como a construção de fontes narrativas com crianças, o que contribui para um movimento de efetivação de trabalhos com essa essa temática no âmbito do campo científico, como discutem Passeggi e Rocha (2012),

[...] escutar as crianças sobre suas próprias experiências e legitimar suas narrativas como fonte de pesquisa relacionam-se no campo científico a um duplo movimento de ruptura. Por um lado, quanto aos conceitos de criança e de infância, tradicionalmente dominantes. Por outro lado, quanto à validade dessas fontes para a pesquisa educacional. (p. 37).

Dessa forma, acreditamos que ao pensarmos uma pesquisa que busque ouvir as crianças, olhando para seus interesses, suas práticas, suas histórias e brincadeiras, podem surgir novas possibilidades para pensar a escola e a matemática na e para a infância. De acordo com Kohan (2007)

[...] quem sabe possamos encontrar um novo início para outra ontologia e outra política da infância, [...] que busca promover, desencadear, estimular nas crianças e em nós mesmo essas intensidades criadoras, disruptoras, revolucionárias, que só podem surgir da abertura do espaço, no encontro entre o novo e o velho, entre uma criança e um adulto. (p. 98).

Com isso, esperamos que nosso trabalho possa trazer discussões que contribuam para repensarmos o modo como nos relacionamos ou tratamos a infância, que é, na maioria das vezes, uma tentativa de falar pela criança, como se sua pequenez não legitimasse suas experiências, ou ainda, repensarmos essa maneira que Chisté (2015) chama de “adultocêntrica” de pensar a infância, “no qual a criança é vista como um ser em falta, um ser incompleto” (p. 39). Refletindo então, sobre o papel do pesquisador, da escola, dos professores e das políticas públicas para a infância.

Referencial teórico-metodológico



XXI EBRAPEM

ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

De 2 a 4 de novembro de 2017 – Pelotas – RS

Neste trabalho, mobilizamos princípios historiográficos (BLOCH, 2001; ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007) na construção discursiva acerca de um determinado período histórico, que, neste caso, envolverá uma lógica temporal do presente, uma vez que, como afirma Tuan (1983, p. 37), “a criança não apenas tem um passado curto, mas seus olhos, mais que os dos adultos, estão no presente e no futuro imediato” e, nesse sentido, olhar para este presente que nos passa, também é um movimento historiográfico. Com a intenção de compreender como as crianças espacializam a escola na educação infantil, buscando olhar para os modos que praticam esse espaço escolar, e nele, significam objetos, pessoas, e também, a matemática, optamos por fazê-lo por meio das narrativas, acreditando que

É impossível discutir o espaço experimental sem introduzir os objetos e os lugares que definem o espaço. O espaço da criança se amplia e se torna mais bem articulado à medida que ela reconhece e atinge mais objetos e lugares permanentes. O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado. (Tuan, p. 151).

Nesse sentido, entendemos que a narrativa se mostra uma alternativa para a construção de fontes com crianças, sendo “[...] ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório.” (BENJAMIN, 1985, p. 205).

Dessa forma, ao direcionarmos nosso trabalho a infância e a criança que frequenta a educação infantil, Leite (2011) sinaliza que não nos colocamos em um experimento, mas em uma pesquisa que nos convida a caminhar por caminhos que vão sendo criados e inventados com pistas que vão se produzindo.

O método cartográfico, desse modo, se mostra como uma possibilidade de seguir nesta direção, uma vez que

[...] o caminho da pesquisa cartográfica é constituído de passos que se sucedem sem se separar. Como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o outro num movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes. (BARROS e KASTRUP, 2009, p. 59).

Para Passos e Barros (2009), a cartografia como método de pesquisa, subentende “uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos.” (p. 17). Por isso, este trabalho não



XXI EBRAPEM

ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

De 2 a 4 de novembro de 2017 – Pelotas – RS

estabelece, a princípio, uma trajetória com os passos a serem seguidos, apenas se norteia por algumas intenções que não são permanentes e imutáveis, mas que nos direcionam para as primeiras movimentações de pesquisa, sendo que

[...] não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um *hódos-metá*. (p. 17).

Para dar início ao caminhar, propomos um projeto piloto, no qual realizamos uma entrevista nos apropriando de alguns elementos da História Oral (MEIHY, 2002; SILVA e SOUZA, 2007; SOUZA, 2006), para a construção de narrativas (BENJAMIN, 1985 e BRUNER, 2014), fontes orais e escritas, com uma criança de 4 anos, buscando repensar possíveis maneiras de construir narrativas com interlocutores de idades entre 4 e 5 anos, com o intuito de direcionar o olhar para pensar maneiras de nos lançarmos na pesquisa.

Ao utilizarmos alguns elementos da metodologia História Oral para construção de narrativas, tomamos alguns procedimentos específicos, como o mapeamento e contato com possíveis depoentes, que no caso eram crianças entre 4 e 5 anos que frequentassem a Educação Infantil, a construção de um roteiro de entrevista, a gravação da entrevista, que foi realizada em áudio e vídeo, e a transcrição e textualização das fontes orais, buscando fazer adaptações voltadas para a infância e problematizando esses procedimentos, implementando algumas contribuições de pesquisas que já trabalharam maneiras de realizar entrevistas com crianças.

A cartografia, adotada nessa pesquisa como metodologia, nos permite esses ensaios e a apropriação de outras metodologias e procedimentos que vão se mostrando pertinentes para o trabalho. Nesse sentido, o projeto piloto se deu como um primeiro movimento em busca de direções iniciais. Para Passos e Barros (2009, p.17) “A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados”, nesse sentido, estamos olhando para a entrevista realizada, analisando as pistas que apareceram nesse primeiro movimento.



XXI EBRAPEM

ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

De 2 a 4 de novembro de 2017 – Pelotas – RS

Ao realizarmos a primeira entrevista, já foram tecidas algumas considerações que trouxeram muitas inquietações, surpresas, percepções quanto à postura da pesquisadora e teorias que devem nos acompanhar nesses primeiros momentos da pesquisa.

O roteiro para uma entrevista com crianças foi pensado, primeiramente, com a exploração de uma história fictícia que incentivasse o contar direcionado a um personagem, que também compunha o cenário da entrevista, trazendo também algumas questões norteadoras. Essa estratégia foi mobilizada nos trabalhos de Domingues (2016), Monteiro (2015) e Rocha (2012), entretanto, não se mostrou, da maneira que foi explorada, adequada para o encaminhamento de uma conversa com as crianças da idade de interesse neste trabalho. Por isso, tem-se pensado em outras maneiras de potencializar o roteiro, que contemple, além de histórias e personagens, fotos, imagens, desenhos, de modo, que estes tenham um papel de disparar e provocar a fala da criança, sem restringi-la. Outro cuidado que se pretende ter com o roteiro é que este apareça apenas na atuação do pesquisador/entrevistador, não sendo consultado frequentemente durante a entrevista.

Uma percepção importante foi quanto à necessidade da mediação dos pais no momento da entrevista, que contextualizavam as falas e os elementos que iam aparecendo na conversa, desconhecidos pela pesquisadora. Nesse sentido, percebemos que o contato com os pais, assim como, com a escola que a criança frequenta, é primordial para a compreensão das narrativas.

Na entrevista, foram realizadas a gravação de áudio e vídeo, que se mostraram ambos indispensáveis para a construção da narrativa. A gravação de áudio foi realizada com alguns cuidados técnicos em que, por exemplo, o gravador foi colocado em um local próximo à criança, mas de modo a não captar muitos ruídos indesejados, o que garantiu uma fonte oral que, de forma clara, registrou toda a conversa. A gravação de vídeo foi essencial para compreender alguns trechos do áudio da entrevista em que a fala era remetida a gestos e expressões corporais que davam sentido às palavras, assim como, certas entonações durante o diálogo, a percepção dessa necessidade vai ao encontro com o que afirma Benjamin (1985, p. 220-221) “[...] a narração, em seu aspecto sensível, não é de



XXI EBRAPEM

ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

De 2 a 4 de novembro de 2017 - Pelotas - RS

modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos [...] que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito.” A transcrição e textualização, elementos também trazidos da História Oral, foram muito questionados quanto à maneira de serem produzidas e apresentadas. Realizamos a transcrição literal do áudio, trazendo elementos do vídeo que caracterizassem a fala infantil, com os tropeços das palavras, os gaguejos, inclusive com partes não compreendidas, descrevendo também os gestos e explicando algumas situações. A textualização já é um processo analítico, em que pudemos perceber o que a criança fala sobre determinadas questões de interesse da pesquisa, como veem e dão significados a certos objetos, atividades, espaços e conceitos, por exemplo. Na textualização as inquietações são quanto à sua forma, uma vez que esta deve voltar ao narrador, no caso, a criança. A ideia inicial foi a produção de um texto da criança em primeira pessoa, limpando algumas questões e trechos de interrupções externas no momento da entrevista, aproximando temáticas e preservando a estrutura da fala infantil.

Destacamos que essa primeira entrevista não foi uma busca pela maneira certa e adequada para realizar uma entrevista com crianças, mas uma procura por elementos e vestígios que pudessem compor uma reflexão sobre as narrativas, apontando elementos para os quais devemos direcionar nosso olhar. De acordo com Rotondo (2010, p. 32) “Na cartografia do campo, a atenção do pesquisador sai, então, num rastreamento dos movimentos, na busca de pistas e de signos de processualidade. Não é uma atenção em busca de informações”.

Outra questão metodológica que este trabalho se preocupa é quanto aos cuidados éticos em diversos aspectos na realização de uma pesquisa com crianças. Kramer (2002) nos coloca frente a três aspectos importantes para serem considerados nessas pesquisas. O primeiro fator ético que permeia os trabalhos de Kramer (2002) é quanto à identificação/nomeação das crianças em suas narrativas, questionando-se quanto ao uso de nomes verdadeiros e fictícios. Uma outra problemática é a utilização de imagens, principalmente do rosto das crianças, em fotografias e vídeos produzidos na pesquisa. E, um terceiro aspecto, envolve a publicação dessas pesquisas, que podem tornar públicas, sentimentos, frustrações e, inclusive, denúncias das crianças. Dessa forma, buscaremos nos ater aos princípios éticos



XXI EBRAPEM

ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

De 2 a 4 de novembro de 2017 – Pelotas – RS

que aproximem as opções teóricas e concepções de infância adotados neste trabalho, com os cuidados que atuais pesquisas assumem como imprescindíveis.

Com isso, este trabalho se propõe desenvolver-se por meio de uma metodologia aberta que vai se construindo no decorrer da investigação, buscando métodos que contribuam com a construção de fontes que nos ajudem a compreender como as crianças espacializam a escola na Educação Infantil e de que modo significam a matemática na infância, que são as primeiras intenções dessa pesquisa.

Alguns indicativos neste início de pesquisa

Neste primeiro exercício de entrevista observamos que nossa postura ao dialogar com uma criança mostrou muito despreparo e falta de estratégias adequadas e coerentes, nos distanciando do discurso metodológico da História Oral e nos aproximando da discussão acerca de cartografia.

A escola se apresenta, neste primeiro momento, espacializada como lugar de encontros entre amigos, de experimentações de brincadeiras e em que o termo “matemática” não está presente, apesar de narradas algumas atividades e situações que envolvem números, em que contam coisas, em que se fazem presente e em análise formas geométricas e em que se resolvem situações-problemas. A matemática não se põe, pois, e neste caso, como necessariamente disciplinar.

Neste trabalho, em início de desenvolvimento, buscamos por diálogos em torno das estratégias que temos construído e, principalmente, desconstruído ao pensar nossa investigação. E acreditamos na potencialidade de se produzir novas narrativas com crianças que possam, assim como a primeira, continuar nos surpreendendo e movimentando para novos olhares e reflexões.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **História:** a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru: EDUSC, 2007. 254 p.



XXI EBRAPEM

ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

De 2 a 4 de novembro de 2017 – Pelotas – RS

- BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, p. 52-75, 2009.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRUNER, J. **Fabricando histórias: direito, literatura, vida**. São Paulo: Letra e Voz, 2014.
- CHISTÉ, B. S. **Devir - criança da matemática: experiências educativas infantis imagéticas**. 2015. 106 p. Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2015.
- DOMINGUES, R. M. V. **Era uma vez... Histórias de crianças (con)vivendo com a recidiva do câncer e seus ensinamentos sobre o cuidado**. 2016. 209f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- GALZERANI, M. C. B. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento em Walter Benjamin. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (Orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 49-68.
- KRAMER, S. **Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças**. Cadernos de pesquisa, n. 116, p. 41-59, 2002.
- LARROSA, J. O enigma da infância. In: LARROSA, L. **Pedagogia profana - danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LEITE, C. D. P. **Infância, experiência e tempo**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2011.
- MEIHY, J. C. S, B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MONTEIRO, I. L. G. F. **Da educação infantil ao ensino fundamental: o que contam as crianças sobre essa travessia na cultura de escola**. 2015. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.
- PASSEGGI, M. C.; ROCHA, S. M. A pesquisa educacional com crianças: um estudo a partir de suas narrativas sobre o acolhimento em ambiente hospitalar. **Revista Educação em Questão**, v. 44, n. 30, 2012.
- PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, p. 17-31, 2009.



XXI EBRAPEM

ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

De 2 a 4 de novembro de 2017 - Pelotas - RS

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, S. M. **Narrativas infantis:** o que nos contam as crianças de suas experiências no hospital e na classe hospitalar. 2012. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

ROTONDO, M. A. S. **O que pode uma escola?:** cartografias de uma escola do interior brasileiro. 2010. 158 f. 2010. Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2010.

SCHUCK, C. A.; FLORES, C. R. Cartografar entre Imagens: metodologia ou modo de pesquisa em Educação Matemática. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 8, n. 18, 2015.

SILVA, H., SOUZA, L. A. A história oral na pesquisa em Educação Matemática. In: **Boletim da Educação Matemática**. Ano 20, n. 28. Rio Claro: Unesp, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, 2007. p. 139-162.

SOUZA, L. A. **História oral e Educação Matemática:** um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões. 2006. 314 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

SOUZA, L. A. Narrativas na investigação em história da educação matemática. **Rev. Educ. PUC-Campinas**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 259-268, set./dez. 2014.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.